MEMÓRIA DE OFÍCIO: 
O BATALHO EM ABAETETUBA

Hiléia Lúcia Gama da **SILVA**  
João Rosemildo da S. **RODRIGUES**  
Kézia Sueli Ferreira de **ALMEIDA**  
Lindalva Soares das **CHAGAS**  
Roni Macedo **CORDEIRO**  
(Alunos pesquisadores do NPCUBT)

**Resumo:** O Núcleo de Pesquisa do Campus Universitário do Baixo Tocantins apresenta como trabalho inicial o estudo de um dos mais singulares ofícios abaetetubenses: o batalho. Buscando registrar suas origens na dinâmica da cidade e das perspectivas emergentes.

**Introdução**

A ideia deste artigo é de relatar uma das atividades desenvolvidas durante a implantação do Núcleo de Pesquisa do Campus do Baixo Tocantins procurando mostrar as várias nuances de um estudo inicial feito pelos alunos pesquisadores: o estudo do ofício do batalho.

A aproximação junto aos batalhadores, apesar de algumas exceções, a princípio causou estranheza, o que se revela na fala de um dos batalhadores:

> Há muito anos que trabalho aqui, deixando ... seja aluno, seja professor, doutor eu carrego, e num veio ninguém dai saber da gente. O que interessa p'ra universidade saber da minha história?. (A. M.)

As desconfianças foram muitas, alguns acreditavam que o trabalho tinha relação com algum partido político, além disto, havia uma certa resistência ao gravador. Percebeu-se que era necessário mostrar a pesquisa realizada para a comunidade. Foi assim que foram
fotografados os vários pontos de batalha e seus batalhadores para exposição na praça da matriz do município durante um evento da UFPA\(^2\), buscando obter maior credibilidade por parte dos informantes.

Esta atividade tem como objetivo revisitar a memória da cidade de Abacetuba através do olhar, da lembrança e da voz dos batalhadores. No esforço de poder construir e registar várias perspectivas sobre o município é fundamental, na construção de uma memória coletiva, asseverar o direito de lembrar dos mais diferentes agentes sociais. Pois, não se pode compreender a memória da sociedade sem percebê-la na dinâmica das tensões de poder entre variados grupos e classes sociais.\(^3\) A memória se configura em elemento essencial dentro do que chamamos de identidade, ou identidades, sejam elas individuais ou coletivas; cuja busca é uma das atividades fundamentais do indivíduo nas sociedades de hoje.\(^4\) Como bem sintetiza Ecléa Bosi, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais, é preciso mergulhar na memória para se saber quem se é. Então, para se conhecer a dinâmica social de Abacetuba se faz fundamental uma aproximação com a memória dos mais diferentes atores sociais.

Outro ponto deve ser ressaltado: lembrar não é reviver, mas é refazer, reconstruir e repensar com idéias de hoje as experiências do passado.\(^5\) Assim, trabalhar com a memória dos batalhadores do município é reconstruir o passado da cidade, uma reconstrução marcada pelas especificidades de gênero, de geração, e da própria profissão que ensinou a esses homens a enxergarem a cidade a partir do selim de suas bicicletas.

Assim, o Núcleo de Pesquisa, procurando garantir e valorizar a memória daqueles atores sociais que pouco são ouvidos, busca registrar e discutir as memórias de personagens que vivem à margem da economia formal, do mundo dos letrados e dos direitos políticos institucionais. Como parte desse projeto de valorização das memórias marginais, procurou-se trazer alguns taxiclistas para

---

\(^1\) VII IFNOPAP - Imaginário das Formas Narrativas e Orais Populares da Amazônia Paracana.
\(^3\) ibidem, p. 476.
\(^5\) BOSEI, op. cit., p.17.
lembrarem com a comunidade acadêmica um pouco da dinâmica da história da cidade.

**Origem do Ofício**

Situada às margens do rio Maratauíra, ao nordeste do Estado do Pará, Abacetetuba (do tupi-guarani, terra de homens fortes e valentes), limita-se com os municípios de Barcarena, Igaraçú-Miri, Moju e Limoeiro do Ajuru. Com uma população de aproximadamente 119.072 habitantes, Abacetetuba tem diversos traços culturais singulares, entre os quais se destacam o artesanato de miriri, construção naval e o batalho, objeto de estudo do presente trabalho.

O que salta aos olhos logo que se chega a Abacetetuba é o grande número de bicicletas trafegando em grande número pelas ruas deste município. O visitante mais atento logo perceberá nas paradas de ônibus, nas esquinas ou nas praças, grupos de homens reunidos, com camisas padronizadas, verdes, vermelhas ou amarelas conforme o “ponto”, cada um com sua bicicleta, oferecendo seus serviços, interpelando o visitante – “Ei, Ei, patrão... um real a deixada”. É assim que circulam pelo município os batalhadores, responsáveis pelo transporte de pessoas e cargas de todo tipo. A figura peculiar do batalhador desperta o interesse, pois nos municípios vizinhos este tipo de atividade não existe. Então como surgiu o Batalho?

Os relatos dos batalhadores entrevistados nos revelam que este ofício surgiu por volta dos anos 1970 com o fim das antigas agências de bicicletas. Para entendermos o surgimento e a expansão do batalho em Abacetetuba faz-se necessário examinarmos a trajetória da economia da cidade, que apresenta vários ciclos.

Até meados do século passado, o cultivo da cana-de-açúcar figurava entre os principais suportes da economia abacetubense, subsidiando a produção da aguardente, o que rendeu à cidade a alcunha de “Terra da Cachaça”. No entanto, com a diminuição das

---

3. Idem.
exportações e a vinda de bebidas do Centro-Sul (ocasionando o aumento da concorrência) fez com que tal atividade entrasse em declínio, forçando o deslocamento de centenas de trabalhadores para o centro urbano. O problema da evasão escolar marca a vida destes homens que cedo deixaram a escola para trabalhar:

Ali! Eu não estudei....essas muitos anos... pra lhe dizê a franqueza eu estudei duas páginas da cartilha do abc só, porque eu não tinha as condições... (J.N.P)10

Com baixa escolaridade e frente à estagnação da oferta de empregos formais e à precariedade dos sistemas de transportes na cidade, fez-se necessário o surgimento de alternativas. Neste contexto, no início da década de 1970, é que surgem as agências de bicicletas e, posteriormente, o batalhador.

Na época só existia agência de bicicleta, era lá no comércio, né?...Acho que [éramos] os primeiros, onde a gente foi eu com o Pedro,...) É em frente do mercado de carne tinha umas bicicletas por ali assim,... Mas ai depois surgiram umas três agências, ali no ..., ali onde é ... o mercado Vitória, o Figueiredo né? (....) Na saída pela frente na D. Pedro nós tínhamos três agências de bicicleta... Nós não, eu entrei como empregado lá, né? Inclusive do Ari, o pessoal conhece como o Repuxa, aqui em Abacetuba, ele e o irmão dele, ele foi um dos primeiros a ter essa agência, ele mais dois senhores que tinham agências de bicicleta. (A. B. S.)11

Nas primeiras agências, as pessoas alugavam as bicicletas pelo período de uma hora. Quando a devolução acontecia antes de completar o prazo acordado, os usuários solicitavam ao dono da agência que alguém os levasse até suas respectivas casas – a título de compensação. Este transporte da agência até a casa do cliente era

10 Batalhador com 44 anos de idade e 13 anos de profissão.
11 Um dos primeiros a entrar para o ofício em 1971, hoje é dono de um bar.
conhecido como “deixada”. O aluguel de bicicletas na época era bastante rentável já que havia poucas bicicletas circulando na cidade.

Pagavam-se os aluguéis por hora e o locador deixava um documento, geralmente a carteira de identidade como garantia de que devolveria a bicicleta. Muitas vezes se alugava a bicicleta para se passear pela cidade, como se pode ver no relato de um batalhador que afirma estar no batalho desde 1971:

As pessoas chegavam lá e alugavam para ir passear na cidade, fazer uma viagem né? E na época ..., funcionava essas boates em Abacetuba, as pessoas alugavam bicicletas e devolviam de manhã, só para passear na cidade(P.G.F.)

A “deixada” nasceu do momento em que retornando para devolução da bicicleta o cliente pediu para ser levado até a sua casa; esta função era destinada aos moleques que ficavam na agência transportando cargas, pois muitas vezes as pessoas queriam apenas transportar mercadorias do centro comercial para a periferia da cidade. Hoje a “deixada” corresponde ao percurso feito com o passageiro:

...e essa deixada, deixada, deixada mais conhecida como deixada porque a pessoa andava naquela época, digamos assim 45 minutos numa bicicleta, aí chegava, em vez de, p'ra completar uma hora, – Ah! Me deixa lá em casa, aí a pessoa já, o moleque, no caso eu que trabalhava com o patrão lá, já era cumprimentado a deixar o cara na casa dele, para completar aquele horário, para ele pagar a hora certa de bicicleta, não existia essa deixada propriamente dita agora como existe hoje nas pontas né?(A . B. S.)

Através das informações é possível perceber que surgem primeiro as agências, depois a “deixada”, mas a palavra “batalho” para designar

---

12 Batalhador com 40 anos de idade e 33 de profissão, participou da primeira tentativa de se fazer uma associação.
13 Nota do autor.
o ofício surge por volta dos anos 1980 com a implantação de fábricas no município vizinho:

Olha a batalha, ela não existia, na época que começei a trabalhar com bicicleta era só aluguel de bicicleta, só existia, não se chamava batalha, chamava-se deixada, onde se mandava compras, mas só em dois pontos que se mandava as compras, no Raposa e no Cruzeiro, e já a nossa era só pra aluguel de bicicleta, mas no decorrer do tempo, não foi, a partir dos anos oitenta surgiu a batalha era justamente quando chegavam os poços do Conde, aí pegava para deixar na casa o passageiro, aí se tornou-se a batalha. (P.G.E.)

Eles trabalhavam na obra, eram os pedreiros, carpinteiros, eles vinham de caminhão aí desciam lá na praça, e aí... eles, eles é que botaram o apelido de batalhador ... (P.G.E.)

Outro aspecto que chama a atenção é a relação dos batalhadores com o trabalho. Observou-se que muitas vezes o batalhador não vem trabalhar à tarde por que “O movimento foi bom de manhã... já ganhemos a da báia...”, em outros momentos se pode constatar os batalhadores passando o passageiro para o colega “É que este um ainda não fez nada hoje”. Quando pensamos na lógica do capitalismo que nos impede a competição e a ganhar sempre mais, estes homens nos dão uma lição: parecem trabalhar apenas para ganhar seu quinhão a cada dia e são solidários entre si.

Com base no estudo, se pode dizer que a batalha foi se expandindo em função do declínio de ciclos econômicos na região, dos quais citamos; o ciclo dos engenhos, que corresponde ao momento de grande plantio de cana e fabricação de cachaça, sendo que a cidade ficou muito conhecida pela exportação da cachaça azul. A decadência dos engenhos empujou o homem do campo para a zona urbana. Mediante a estagnação do mercado de trabalho formal
e o baixo grau de escolaridade, fez-se necessário buscar alternativas de sobrevivência. É neste contexto que surge o batalho.

_Todo o, os donos de engenho fecharam as portas, aí a gente se tornou um pouco meio acuado, veio embora pra cá pra Ahaetulla, trazer os filhos também pra se educar mais uma pouco né... aí a gente não teve como, primeiro emprego assim a gente, surgiu negócio de batalho de bicicleta e fiquemos no batalho de bicicleta e fiquemos no batalho de bicicleta, começamos trabalhar numa firma lá no Conde né! Aí fracassou de novo aí a gente tornou voltar pro batalho de bicicleta e tamos aí no batalho._(M.S.G.)

Conforme os dados foram obtidos nas observações e entrevistas se pode afirmar que este é o ofício para aqueles a quem não resta outra opção, é a solução para os desempregados. Em sua maioria os entrevistados afirmaram que foi por este motivo que entraram neste ofício. Como podemos perceber nesta fala:

_“Olha ... o que me levou a esse trabalho de batalho na realidade foi devido eu ficar desempregado... Eu trabalhei uns dias empregado, depois... saí da firma e não consegui me fichar”_(M.M.)

Muitos já trabalharam empregados como pedreiros ou marceneiros em firmas nos municípios vizinhos. Mas a pouca ou nenhuma escolaridade impede a sua recolocação no mercado de trabalho que se tornou mais exigente:

_A gente corre atrás de emprego mas é muita formalidade pra fichar. Aí a gente fica nessa. Espera, né com que venha... assim um objetivo pra gente fichar pra poder mudar o trabalho, né, do batalho... pra firma._(M.M.)

---

15 Batallador com 44 anos, está na profissão desde 1985.
16 Batallador com 28 anos há 5 anos no "batalho"
17 Idem
Os batalhadores são os excluídos da escola e do mercado de trabalho, seguem equilibrando sobre as rodas da bicicleta não só passageiros e cargas, mas também os parcos recursos para a sobrevivência da família.

Considerações finais

Reafirma-se a posição a respeito da importância de se resgatar através da pesquisa a memória de ofício dos batalhadores no município de Abacetuba, haja vista que estes, desde o surgimento do batalho em meados da década de 70 do século XX, vêm se tornando figuras importantes e integrantes do cotidiano da cidade. Essa atividade vem crescendo pois os batalhadores sem nenhuma alternativa de trabalho, procuram o batalho como fonte de renda. Sabendo disso, buscou-se através do batalho a compreensão dos aspectos econômicos, culturais, sociais da cidade, onde o batalho se apresenta como uma solução para o desemprego. Logo, a memória de ofício se tornou um instrumento imprescindível para esse resgate, pois a memória de ofício nos possibilita a reconciliação com a nossa cultura e devolve, ao sujeito pesquisado\textsuperscript{38}, uma descrição de forma escrita e ordenada que fará com que este possa ter uma nova visão do seu trabalho e da sua inserção na sociedade onde vive.

Além disto, o contato com o “Universo do Batalho” possibilitou a melhor compreensão do cotidiano do município. Os relatos dos batalhadores podem ser um dos principais guias do nosso olhar sobre o cotidiano e a história do município de Abacetuba. Através das rodas dessas bicicletas, sentados na garupa forrada e com os pés sobre o “porta-pé”, dispostos para um maior conforto do freguês, pode-se revisitar a história de Abacete, fazer emergir dramas e tramas de uma cidade espremida entre o rio e a necessidade.

\textsuperscript{38} Memória de Ofício: Ceará. CEAR, Governo do Estado do Ceará, 2000.
BIBLIOGRAFIA


GOVERNO FEDERAL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2000.

